

# LINGUAGEM E PSICANÁLISE: O ERRO COMO VESTÍGIO DO MOVIMENTO DO SUJEITO E DA LÍNGUA

Danilo Corrêa Pinto<sup>1</sup>

## RESUMO:

*O presente trabalho busca entender de que maneira a criança é capturada<sup>2</sup> pela estrutura da língua e quais os efeitos significativos de sua relação com a linguagem do adulto no processo de aquisição de linguagem escrita. Para tanto, partirá das reflexões de Saussure e De Lemos, nas quais destacam-se a teoria do valor e as três posições estruturais, sendo as últimas as que marcam a relação da criança com a estrutura da língua no processo de aquisição da linguagem.*

*Este trabalho também busca relacionar a teoria do valor de Saussure com a segunda posição estrutural proposta por Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, bem como, examinar a caracterização do erro dentro do processo de aquisição da linguagem, dando ênfase maior para a aquisição da escrita, pois, a partir dessas análises, poderemos compreender a natureza do erro e seu funcionamento na linguagem.*

*Sendo assim, consideraremos o erro como um vestígio da relação da criança com a estrutura da língua e, a partir das três posições estruturais e da teoria do valor, entenderemos de que forma o aspecto do erro pode ser compreendido no processo de aquisição da escrita. Portanto, o erro será para nós um dos pontos fundamentais no caminho que iremos trilhar, considerando também, o funcionamento da língua e do inconsciente, para que possamos caracterizar o erro como um vestígio do movimento do sujeito na língua e da língua.*

**Palavras-chave:** *aquisição da linguagem, aquisição da escrita, erro, três posições estruturais.*

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Avenida João Naves de Ávila, 2121, Santa Mônica, CEP: 38408-000 Uberlândia – MG. Contato: [dam\\_correa@yahoo.com.br](mailto:dam_correa@yahoo.com.br). Projeto de Iniciação Científica com bolsa – FAPEMIG. Orientadora: Professora Dr.<sup>a</sup> Eliane Mara Silveira.

<sup>2</sup> Termo utilizado pela pesquisadora e professora da Unicamp: Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

## **ABSTRACT:**

*This study aims to understand how the child is captured by the structure of the language and what are the significant effects of this relation with the language used by adults in the process of written language acquisition. For this purpose, we will use Saussure e De Lemos' reflections, in which stand out the value theory and the three structural positions. This is what marks the relationship between the child and the language structure in the process of language acquisition. This work also aims to relate Saussure's value theory to the structural position proposed by Cláudia Thereza Guimarães de Lemos and, therefore, examine the characterization of the error made in the process of language acquisition, giving greater emphasis to writing acquisition, because from this analysis, we may understand the nature of the error and its function in language. Thus, we consider the error as a vestige of the child's relationship with the language structure and, taking the three structural positions and value theory as a starting point, we are going to realize how the error can be understood in the acquisition of the writing process. That's why the error is one of the key points on the path we are walking, too considering the functioning of the language and the unconscious, so that we can characterize the error as a vestige of the subject's movement in the language and of the language itself.*

**Keys-Words:** *acquisition of the language, structural acquisition of the writing, error, three positions.*

## 1. INTRODUÇÃO

Não imaginam que as pulsões são, no corpo, o  
eco do fato de que há um dizer.

*Jacques Lacan*

Este artigo pretende discutir como ocorre e pode ser caracterizado o erro no processo de aquisição da linguagem escrita. Para tanto, trabalhamos com uma noção de escrita que não se representa por si mesma e que vai além de um processo reduzido ao ensino e aprendizagem de letras e seus respectivos fonemas.

Pensar nessa escrita requer incluir o sujeito e os efeitos que esta lhe causa, sobretudo, no aspecto do erro, encarado, já no primeiro momento, como algo que foge aos padrões de uma *escrita normal*<sup>3</sup> ou à observação de alguém já constituído pela língua, pois aquilo que emerge como *estranho*<sup>4</sup> ao corpo da escrita, não só marca a relação do sujeito com a linguagem, mas também uma especificidade do movimento do *real da língua*<sup>5</sup>. Afinal, o indescritível

está escrito, e, portanto, é fruto dos mecanismos de linguagem.

Por que, para nossos olhos de leitores, professores e/ou pesquisadores, algo que se torna indescritível e ilegível, em casos particulares, é taxado de patológico? Não haveria aí uma possibilidade do sujeito, este efeito de sua linguagem e escrita, *surgir*<sup>6</sup> onde o estranho vem lhe suprir uma falta?

O erro não é a *não-falta*, mas uma possibilidade de escrever o *não-sentido*, sendo assim, encarado como um saber da língua. Considerando os estudos de Lacan, podemos pensar o erro, ou melhor, o que parece impossível de se escrever, mas que insiste em ser escrito, como uma possibilidade dessa escrita tocar o Real (BORGES, 2006, p.123):

O “real” diz respeito a algo que não se chega diretamente, nem mesmo pode ser apreendido por discurso, mesmo que bem ordenados.

Portanto, considerando o sujeito como efeito da escrita e do indescritível, qual o caminho que podemos escolher para analisarmos o aspecto do erro no processo de aquisição da escrita? Para trilharmos um caminho significativo na investigação sobre o aspecto e a forma

---

<sup>3</sup> Trabalhamos com a noção de uma escrita que vai além dos padrões sintáticos, morfológicos e fonéticos.

<sup>4</sup> Para Lacan (1985, p.30), a estranheza, ou a surpresa, sempre ocorrem quando o sujeito se sente ultrapassado por alguma coisa que lhe parece mais ou menos do que aquilo que ele já esperava. (apud BORGES, 2006, p.22)

<sup>5</sup> Sobre o real da língua, ver mais em Derrida, J. **Gramatologia** (De La Gramatologie). São Paulo: Perspectiva, 1973; ou BORGES, S. **O quebra-cabeça: A alfabetização depois de Lacan**. Goiânia: Ed. da UCG, 2006, p.58.

---

<sup>6</sup> Destacamos a palavra, pois ela aparece sem seu verdadeiro sentido. Nosso intuito é mostrar que na escrita, nada surge do nada e que sempre tem algo que antecede o que vem a ser escrito.

que o erro, no processo de aquisição de escrita, aparece *escrito*<sup>7</sup>, utilizaremos teorias linguísticas e psicanalíticas, destacando a linha saussureana e a psicanálise de linha francesa com os estudos de Jacques Lacan e sua *volta*<sup>8</sup> à Freud.

Especificamente, a teoria de Saussure sobre a língua; o retorno de Lacan à Freud com dados importantíssimos sobre o significante, a letra e a incidência do inconsciente, foram e são assuntos relevantes para a teoria da aquisição da linguagem desenvolvida por Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, especialista na área e que fez de sua teoria das três posições, considerando as perspectivas psicanalíticas, um outro lugar para nos apoiar nessa tentativa de investigar o erro.

Como a teoria do valor e a teoria das três posições estruturais são primordiais em nossa discussão sobre o erro e sobre uma melhor noção do processo de aquisição da linguagem, a partir delas,

---

<sup>7</sup> Consideramos que o erro, ou mesmo uma incidência de traços, é uma escrita. Em outras palavras, conforme Sonia Borges (2006, p. 227), o desafio “de reconhecer, como escrita, a escrita inicial da criança (...) de não abandonar a escrita dela como resíduo em consequência da regularização a que, em geral, é submetida (...) torna-se possível reconhecer, que subjacente até mesmo a estas formas não categorizáveis da escrita inicial, há sujeito e há texto (...)”.

<sup>8</sup> O sentido da palavra está relacionado aos estudos que Lacan fez a partir da leitura das obras freudianas.

situamos como o movimento da língua, caracterizado por uma relação entre o sujeito e o outro, e entre o sujeito e a língua, marca os processos metafóricos e metonímicos, ou numa linguagem mais saussuriana, as relações associativas e sintagmáticas. Tais processos são relevantes para entendermos e analisarmos o aspecto do erro na aquisição da escrita, uma vez que o erro pode ser encarado como um *vestígio*<sup>9</sup> do mecanismo de linguagem.

Embora De Lemos tenha se dedicado exclusivamente à aquisição da linguagem na qual privilegia como objeto de estudo a fala inicial da criança, vemos que as três posições estruturais marcam não só os processos de fala, mas também uma possibilidade de se caracterizar os processos de escrita. Sônia Borges (2006, p.20) já havia destacado essa possibilidade:

Não admitir o que há de comum entre os processos de aquisição da linguagem oral e da escrita é, em nosso ver, consequência de não reconhecer os efeitos do funcionamento da linguagem sobre ela mesma (...) em consequência disso, interpreta-se, ou melhor, reduz-se a aquisição da linguagem escrita como processo de aprendizagem.

A crítica sobre o não reconhecimento do funcionamento da

---

<sup>9</sup> Ou seja, aquilo que não é exterior ao mecanismo, mas sim intrínseco ao funcionamento da linguagem.

linguagem, tanto na escrita quanto na fala, marca o processo de aquisição da linguagem como algo que vai além das expectativas da alfabetização, pois acreditamos que no processo que se busca entender a entrada da criança na linguagem, sendo esta escrita ou falada, há de se considerar um sujeito singular que é constituído pela alteridade e pela relação entre ele e a estrutura da língua, onde os infortúnios dessas relações, não podem ser excluídos do traço do sujeito.

## **2. A TEORIA DO VALOR E AS TRÊS POSIÇÕES ESTRUTURAIS**

Ao examinarmos a teoria do valor proposta por Saussure, é pertinente destacar, assim como o próprio lingüista já havia notado, que a relação entre o significante e o significado, que por sua vez, constituem um signo, resulta da presença simultânea de outros signos na qual um signo só terá valor numa relação opositiva com outros elementos e, desta forma, impossibilitado de significar as coisas em si mesmas.

Assim, ao analisarmos o processo de aquisição da linguagem, juntamente com as contribuições da teoria do valor proposta por Saussure, acreditamos que a criança se depara com uma cadeia de signos que possui sua própria ordem.

Sobre a ordem própria da língua, podemos citar, a partir de Bakker Faria, o que De Lemos (apud BAKKER FARIA, 2002, p. 14) destaca:

É Saussure quem primeiro reconhece o fato de a língua ser um sistema que conhece sua ordem própria (...) é esse reconhecimento que lhe permite fundar a lingüística como ciência, rompendo com a tradição de pensar a língua como representação.

Logo, a língua é um sistema de valor proporcionado por uma relação de substituição e deslocamento entre os signos da cadeia lingüística.

No processo de relação entre a criança e a língua, podemos observar a estrutura da língua em movimento através das relações paradigmáticas, em que os elementos de uma cadeia são substituídos por outros; e das relações sintagmáticas, nas quais alguns elementos são deslocados. Isso se dá, devido à possibilidade que toda língua tem de substituição e encadeamento dos elementos, para assim, então, formar uma cadeia em que cada elemento tem seu valor definido pela relação que mantém com os outros elementos.

É a partir da noção de valor que observamos os processos metafóricos e metonímicos e desta forma, conforme Saussure afirma, notamos como se dá a constituição do valor entre os signos

(Saussure apud LEMOS, 1992, p.124-125):

O valor é sempre constituído, por um lado, por uma coisa dessemelhante suscetível de ser trocada com aquela cujo valor está por determinar, e, por outro, por coisas semelhantes que podem se comparar com aquelas cujo valor está em causa.

A relação de valor entre os elementos lingüísticos de uma língua também pode ser identificada na teoria de Cláudia de Lemos, que vem através das três posições estruturais dadas no processo de aquisição de linguagem, permitir nosso entendimento de como tal relação aparece e quais seus efeitos na linguagem. As três posições que De Lemos propõe, mostram a relação que a criança estabelece com a estrutura da língua e com a linguagem do adulto, havendo assim, uma relação possível de se entender o movimento da língua e a implicação do valor dos signos dentro deste movimento próprio. Temos, portanto, um funcionamento lingüístico marcado pelas três posições que nos apresenta um mecanismo de linguagem e o movimento do sujeito dentro da língua.

De Lemos apresenta sua proposta sobre as três posições estruturais que são constitutivas do sujeito no processo de aquisição da linguagem, destacando não só a relação entre o sujeito e a

estrutura da língua ou o sujeito e outro aparelho de linguagem, mas também a importância da interação dialógica presente nesses processos (BORGES, 2006, p.46-47):

Cláudia de Lemos (1986) mostra, também, que a interação dialógica pode ser lugar de emergência de estruturas sintáticas na fala da criança (...); mostra que os enunciados que emergem na fala da criança são uma composição/ressignificação de enunciados do Outro, tanto “presentes” quanto “passados”.

Portanto, a interação dialógica faz emergir no sujeito traços de sua relação com o outro. De Lemos toma o outro como um *funcionamento lingüístico – discursivo* o que implica dizer que a criança, no processo de aquisição de linguagem, tanto na fala quanto na escrita, está incorporada ao Outro<sup>10</sup> (em francês *Autre*), ou seja, aos fragmentos de linguagem deste Outro. Vale ressaltar que o Outro, conforme Chemana (apud BORGES, 2006, p. 100) destaca,

é o lugar em que a Psicanálise situa, além do parceiro imaginário aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina.

Sendo assim, é na interação dialógica, alienada ao Outro, que é possível verificar “um sentido na

---

<sup>10</sup> Vale ressaltar que “Lacan escreveu *Autre*, com A maiúsculo, para distingui-lo do outro parceiro” (BORGES, 2006, p. 100). E mais, o Outro é o lugar de funcionamento de linguagem.

fragmentação que caracteriza a fala inicial” (BORGES, 2006, p.40). E retomando ao nosso objeto de investigação, a escrita, diríamos que é nesse processo dialógico que a criança vai, através de seus *traços*, sendo imersa no campo da aquisição da escrita e marcando as relações com o Outro em seus domínios fragmentários.

Tanto a fala quanto a escrita são efeitos da relação com outro aparelho de linguagem. E mais, tal relação marca a noção de especularidade descrita por Maria Teresa Guimarães de Lemos (Lemos apud BORGES, 2006, p.46):

O processo de especularidade acaba colocando em causa o sujeito porque revela sua alienação ao Outro como dimensão constitutiva que estaria na base de todas as transformações simbólicas que sua fala opera. Por isso mesmo, a noção de especularidade diz respeito, ainda conforme Maria Teresa Lemos (1994) a um sujeito que só se vê através do outro.

A presença do Outro, no processo de aquisição de linguagem, não nos dá a idéia de intenção do sujeito, muito pelo contrário, pois a constituição textual está submetida à linguagem. Ou seja, há um sujeito no processo de aquisição, porém, não um sujeito idealizado, mas do inconsciente. Reafirmamos e consideramos que a linguagem é

inconsciente e pulsão<sup>11</sup>, por isso que as três posições de De Lemos vêm ao encontro do nosso objeto de estudo, pois falar do erro na escrita requer entender os mecanismos da linguagem pelos quais a criança é capturada; o *corpo*<sup>12</sup> como produto de linguagem em pulsão e como marca de inconsciente, e assim, o movimento da língua através dos mecanismos que dão a possibilidade do *indescritível* de *ex-sistir*<sup>13</sup>.

Dessa maneira, quanto à proposta das três posições estruturais, De Lemos (2006b, p.28) explica que,

Essa proposta vai no sentido de definir a aquisição da linguagem como um processo de subjetivação configurado por mudanças de posição da criança numa estrutura em que *la langue* e *a parole* do outro, em seu sentido pleno, estão indissociavelmente relacionados a um corpo pulsional, isto é, à criança como corpo cuja atividade demanda interpretação.

---

<sup>11</sup> Estes conceitos serão explicitados de forma mais clara nos itens 3, 4 e 5 deste artigo, conforme estudos de Freud e Lacan.

<sup>12</sup> Vale ressaltar que corpo e organismo, para nós, não são da mesma ordem.

<sup>13</sup> Segundo Lacan (1974/1975) “para que alguma coisa ex-sista, é preciso que haja em alguma parte um buraco (...) a ex-sistência como tal, define-se, suporta-se disso que em cada um dos termos R.S.I, faz buraco; há em cada um, alguma coisa, pela qual é do círculo, de uma circularidade fundamental que se define, e esta alguma coisa é o que se deve nomear”. Temos então, o sem sentido, onde faz o buraco na linguagem. Para uma melhor verificação, ler **O seminário RSI (Real, Simbólico e Imaginário)** de Jacques Lacan.

Portanto, neste momento, expomos as posições estruturais propostas por Cláudia Thereza Guimarães de Lemos.

## 2.1. A primeira posição

O episódio (i), conforme a autora, é representativo de uma posição estrutural em que o pólo dominante é a relação da criança com a fala do outro. (DE LEMOS, 2006b, p.28 - 29):

*(A criança traz uma revista para a mãe)*

M.: ó nenê/o auau

Mãe: Auau? Vamo achá o auau? Ó, a moça tá **tomando banho**.

M.: **ava? eva?**

Mãe: É. Tá **lavando** o cabelo. Acho que essa revista não tem **auau** nenhum.

M.: **auau**

Mãe.: Só tem moça, carro, **telefone**.

M.: **Alô?**

Mãe: Alô, quem fala? É a Mariana?  
*(Mariana 1; 2.15)*

Assim, a autora atenta que o primeiro enunciado da criança é um fragmento do discurso da mãe, ou seja, é uma relação da criança com a fala do outro, podendo ser denominada de posição *intra textos*, já que a criança retoma a fala do outro, embora a relação seja simbólica, pois a interpretação do adulto é, justamente, sobre o enunciado ou os fragmentos da criança soltos em um diálogo.

Conforme Bakker Faria (2002, p.39), ao analisar a teoria de De Lemos,

podemos acrescentar o que a primeira diz sobre a posição da criança no diálogo com o outro, isto é, o que marca a relação fragmentária que a criança possui com a fala, a partir do que De Lemos propôs acima como sendo a primeira posição.

A criança precisa do outro para se escutar. Ou seja, ela não possui *a priori* nenhuma condição de regular o que diz. O que De Lemos descobre (no sentido mais amplo de ter produzido efeito na sua teorização) é que o que a criança diz, ainda que de forma fragmentada, encontra, no diálogo, uma *matriz de significação*, possibilitando *a posteriori*, no espelhamento, tornar-se *fala*, o que se contrapõe à idéia de que a fala de origina na criança, a partir de uma intenção comunicativa primeira.

Silveira (2007) nos mostra o quão é importante definir o que se relaciona com o quê nesta posição estrutural descrita acima. Como a criança se *apodera* dos fragmentos do outro?

Conforme Silveira (2007, p.53),

As relações, ou a interação, são, portanto, entre cadeias, ou seja, um movimento da língua que resulta tão – somente em uma operação da linguagem sobre a linguagem. A interação aqui não é entre sujeitos, é entre cadeias e ela pode promover a emergência de um sujeito. Se ela é entre cadeias, só se pode dizer do funcionamento “estrutural” destas e não de suas propriedades.

Assim, neste momento, podemos afirmar que o erro, como produto do mecanismo de linguagem, também faz



parte dos efeitos oriundos da estrutura da língua na fala/escrita da criança. Isso ficará mais claro, ao verificarmos a relação do sujeito com a língua, situação que ficou nomeada por De Lemos como 2ª posição.

## 2.2. A segunda posição

Conforme a autora, o episódio (ii) é representativo da posição em que *la langue* é o pólo dominante, assim os erros mostram o funcionamento desta *la langue*. (DE LEMOS, 2006b, p.29 - 30).

*No meio de uma sessão, Adam podia, de repente, arregalar os olhos e brindar-me com diálogos inesperados. Numa ocasião, Adam apenas afirmou ter um relógio, sendo que, na verdade, ele não tinha nenhum e além do mais não sabia ler as horas.*

Me: I thought you said you had a watch.

Adam: I do have one. (with offended dignity). What do you think I am, a **no boy with no watch?**

Me: What kind of a boy?

Adam: (Enunciating it very clearly)

**A no boy with no watch.**

Conforme De Lemos, diferente da posição anterior que se dá por relações entre frases e textos, embora ligadas a diálogos prévios, os denominados *erros* do exemplo acima, como **no boy** e **no watch**, em que o correto seria *nobody* e *nothing*, não se apresentam como

“enunciado do outro”, mas sob a forma de estruturas lingüísticas.

O que se destaca aqui é a relação de valor determinada pela presença dos signos na estrutura da língua. Essa relação forma assim, uma cadeia que possui sua própria ordem. Desta forma, a criança está sempre em relação com a língua sendo constituída por e nessa relação.

Na segunda posição destacada por De Lemos, vê-se a relação da criança com a estrutura da língua, e conseqüentemente, a relação dela com a ordem própria da língua. Assim, os estudos que De Lemos descreve sobre o processo de aquisição da linguagem, através das posições estruturais, nos respondem que neste processo a criança se depara com um sistema de signos que vão sendo constituídos, modificados ou substituídos conforme a relação que a criança vai estabelecendo com a língua no processo de aquisição da linguagem.

Temos assim, algo importantíssimo para a sustentação da relação que abordamos entre a teoria do valor e a segunda posição. Se a teoria do valor mostra que um signo, que constitui uma estrutura lingüística, só possui valor significativo quando se relaciona com outro signo; e se a segunda posição mostra que a criança estabelece uma relação única e subjetiva com a língua,

que é um sistema de signos, temos aí, um mecanismo de linguagem.

Tal mecanismo é entendido, por nós, como marca de um processo que acontece dentro do sistema de linguagem: os processos metafóricos e metonímicos. Conforme Silveira (2007, p. 47)

As leis de composição interna da linguagem continuam sendo as relações paradigmáticas e sintagmáticas e a metáfora e a metonímia funcionam como elementos de reconhecimento de tais leis porque trazem à luz o efeito de suas relações sintagmáticas e paradigmáticas

E mais,

Notemos que, enquanto as relações sintagmáticas e paradigmáticas explicam um movimento da língua e são vistas por Milner como leis do funcionamento da língua, os processos metafórico e metonímico reelaborados por Jakobson acabam por se transformar, no texto de De Lemos, num *mecanismo de mudança*, justamente como são nomeados no seu artigo e que ordena tais relações colocadas inicialmente por Saussure, no CLG. Embora o estabelecimento das relações sintagmáticas, como uma explicação do funcionamento da língua, ofereça muitos ganhos para a reflexão sobre a aquisição da linguagem, por exemplo, não há elementos suficientes para entender a amplitude do funcionamento sintagmático e, por outro lado, as relações paradigmáticas se apresentam quase ilimitadas. Dessa forma, processos metafórico e metonímico parecem ser trazidos ao seu artigo para ordenar tais relações (e não para dar visibilidade a elas).

Os processos metafóricos e metonímicos, desta maneira, tomados como mecanismos de mudança, nos dão a possibilidade de pensar que o indescritível ou aquilo que faz um *buraco* na linguagem, é vestígio desse mecanismo, como sombra daquilo que, posto em seu valor, trouxe consigo o não-sentido.

### 2.3. A terceira posição

O episódio (iii) remete à outra face do processo de subjetivação, isto é, aquela relacionada à posição em que o pólo dominante é o sujeito falante. Essa posição corresponde ao momento em que a criança é capaz tanto de reconhecer quanto de corrigir erros, e também, de reformular seus enunciados mais longos. (DE LEMOS, 2006b, p.30 - 31)

*Uma amiga da mãe (T.) da criança (V.) traçou no chão um jogo de amarelinha com um quadro a menos, para (V.) e sua mãe brincarem.*

V.: **Quase que** você não fez a amarelinha.

T.: O que, Verrô?

V.: **Faz tempo que** você não fez a amarelinha sua.

T.: O que, Verrô? Eu não entendi.

V.: **Está faltando** quadro na amarelinha sua.

(*Verônica 4; 0.8*)

Percebemos que De Lemos ressalta que a criança reconhece o que ela fala situando-se no diálogo. Estas posições

nos mostram que é preciso perceber a singularidade do sujeito, pertinente para a análise do processo de aquisição da linguagem.

Quanto ao diálogo, De Lemos (1999, p. 13) enfatiza, mais uma vez, o efeito que um aparelho de linguagem causa sobre o outro.

Trazer o lingüístico para o primeiro plano significou então, propor o diálogo como unidade de análise – e não de comunicação – análise esta que se distanciava da pragmática na medida em que não se partia de um sujeito dotado de intenções e de sentidos e que a interrogação incidia desde sempre sobre o efeito da linguagem, através da fala do outro, na constituição da criança como sujeito.

De Lemos (1992, p.121) também ressalta que:

Na aquisição da linguagem somos obrigados a ver e dar conta de algo em constituição, não ao que já se aplica as categorias de línguas já constituídas. Por isso, a interação com o outro se torna, em nossa proposta, uma condição necessária. Por ela devemos tomar o diálogo adulto-criança como unidade de análise nas fases iniciais da aquisição, e postular processos de reorganização/ressignificação no interior no próprio enunciado da criança.

Com esta afirmação de De Lemos, em que podemos observar a aquisição de linguagem como um processo em que algo está em constituição, não relacionaremos este processo ao um

mecanismo de comunicação ou a um estágio marcado pelo desenvolvimento, como era visto pela psicologia piagetiana.

Embora a criança passe pelas posições estruturais citadas acima, isso não implica dizer que ela vai desenvolvendo a linguagem. O que ocorre é que as posições sempre estão presentes na passagem de *infans*<sup>14</sup> para falante e até mesmo na vida adulta.

Ora, por que insistir nesse processo em que tudo parece seguir um tempo singular e atemporal? Justamente porque a forma que De Lemos passou a considerar a língua e a captura da criança pela língua, fez surgir, a partir daí, uma mudança radical na noção de se pensar a aquisição de linguagem. No papel fundador de Cláudia de Lemos, como destacou Castro, (2005, p.14), a pesquisadora

(...) passa a considerar a língua, enquanto alteridade radical, pela sua função de captura, conceito que condensa a inversão da relação sujeito-objeto da psicologia do desenvolvimento e que lhe permite conceber a criança como capturada por um funcionamento lingüístico – discursivo e as mudanças que caracterizam sua trajetória de *infans* a sujeito-falante como mudanças de posição relativamente ao outro, à língua e, em consequência à sua própria fala (...) a mudança se define

---

<sup>14</sup> Termo utilizado por De Lemos e que se refere ao sujeito que está sendo capturado pela linguagem, no início de sua relação com a estrutura da língua e com a linguagem do outro.

como mudança de posição em uma estrutura, no sentido em que não há superação de nenhuma das três posições acima referidas, mas um modo de articulação entre elas em diferentes momentos da cronologia do processo.

Vale afirmar então, que a criança é capturada pela linguagem através da relação com a fala do outro. Assim, De Lemos (1992, p.129) nos esclarece que “sem dúvida, os primeiros enunciados da criança são expressões extraídas do discurso do adulto”. Ou seja, pode-se observar que (DE LEMOS, 2006b, p.27),

(...) em outras palavras, a criança é capturada pela *le language*, atravessada e significada como é pela *parole* de outro, matriz de sua identificação como semelhante – e membro da comunidade linguística e cultural - e como dessemelhante, referido a uma subjetividade figurada como individual.

Portanto, uma vez que consideramos a linguagem como inconsciente e pulsão, e que a criança é capturada pela linguagem no/do Outro e outro, Leite (2003, p.512) nos esclarece o quê e o porquê viemos considerando o erro como fruto do mecanismo de linguagem e do movimento e constituição do sujeito:

A questão fundamental que está em jogo nesta situação – de estruturação ou constituição de um falante – é a do

entrelaçamento entre o corpo e a linguagem, ou em termos da psicanálise, da construção de um corpo pulsional.

Observamos, sem sombras de dúvidas, que a língua, como um sistema de signos, possui uma estrutura que está em movimento. Sendo assim, De Lemos explica que na captura da criança pela linguagem ocorre um processo denominado de subjetivação e que, na relação da criança com a língua, pode-se perceber, conforme De Lemos já tinha notado, um mecanismo de mudança, ou seja, a incidência dos processos metafóricos e metonímicos.

### **3. A LINGUAGEM QUE CONSTITUI O SUJEITO: OS PROCESSOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS**

Neste item trataremos dos processos metafóricos e metonímicos ocorrentes na língua, como traços de formação do sujeito, uma vez que este está imerso na língua e esta o atravessa marcando sua relação singular com sua estrutura. A criança se depara com o movimento da linguagem quando ela está no processo de aquisição, pois este processo é marca de que a criança (*infans*) vai sendo *escrita* por algo em constituição. Sobre metáfora e metonímia em aproximação

às relações paradigmáticas e sintagmáticas, Milner (apud DE LEMOS, 1992, p.127) diz que:

Metáfora e metonímia dão às relações paradigmáticas e sintagmáticas um papel de leis de composição interna da linguagem, na medida em que trazem à luz o efeito dessas relações, é dizer, que a composição dos termos se produz um terceiro. Na base dessa informação, parece estar o conceito de metáfora como figura em que a relação entre o termo manifesto e o termo latente (o substituído) produz um sentido que não coincide com nenhum dos dois e os sobrepassa.

O que podemos observar é que a metáfora é algo presente na linguagem, e desta forma, ela não está alheia das relações que a criança faz com a língua no processo de aquisição da linguagem. Ela mostra algo interno da linguagem; algo que traduz o movimento dos signos dentro da ordem própria da língua, quando estes são substituídos ou deslocados.

Para Jakobson, conforme destaque que De Lemos (1992, p.127) faz da sua obra,

a metáfora é tanto uma operação de seleção quanto uma operação de substituição (...) O processo metonímico também implica o metafórico pois a possibilidade de substituição é o que cria lugares/posições e, portanto, a própria cadeia /estrutura.

Como na língua evidenciamos processos de substituição e

deslocamento dos signos lingüísticos, destacamos, a partir de Jakobson (1975, p. 39-40), que todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo: combinação e seleção.

### 3.1. A Combinação

Nas palavras de Jakobson (1975),

Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos. Isso significa que qualquer unidade lingüística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade lingüística mais complexa. Segue se daí que todo agrupamento efetivo de unidades lingüísticas liga-as numa unidade superior: combinação e contextura são as duas faces de uma mesma operação.

Sendo assim, se uma unidade lingüística procura se combinar dentro de uma estrutura, no caso a língua, é evidente que estas unidades não estão determinadas, e sim, vão substituindo e se *reescrevendo* dentro de um contexto que lhe cabe o melhor sentido. O que temos aqui, é um esboço de como o processo de substituição (metáfora) dentro da língua, marca o movimento de um mecanismo de linguagem que, no nosso caso da aquisição da linguagem,

está em contato com a criança na sua relação com a língua.

Queremos destacar que a relação da criança com a língua marca um movimento desta com os processos metafóricos, pois os termos lingüísticos são deslocados de um contexto que muitas vezes não fazem com que um signo se relacione com o outro. Considerando o *erro* como um signo, seria ele produto de um mecanismo de substituição?

Pensar o erro somente desta maneira, para nós, é considerar este processo de substituição como algo que, uma vez detectado, o erro jamais ocorreria novamente, pois haveria um elemento ali que supriria o não-sentido. Porém, não admitimos esta afirmação, pois como o erro aparece na linguagem, uma vez que marca uma relação singular de um sujeito, seria como afirmar que não há inconsciente, pois o *erro*, aquilo que se inscreve como algo indescritível, é algo que se encontra nesta instância e que vai além dela.

Portanto, vemos aí, uma possibilidade e tentativa da ânsia que temos em escrever o Real. Esta impossibilidade de escrita requer o *desaparecimento*<sup>15</sup> do sujeito, pois é na

---

<sup>15</sup> A palavra não está em seu sentido usual, pois o que queremos ressaltar é que o sujeito não desaparece, justamente porque ele está escrito.

sua volta, que será possível observar os rastros deixados por este sujeito nas entrelinhas. Conforme Lemos (2006, p.62) para efeito de ratificação do que foi marcado acima, a autora mostra que

Se o que determina a fala é a incidência da barra, toda fala será sempre uma oportunidade para o desaparecimento do sujeito. Graças à barra, a fala é a condição necessária para que o sujeito possa desaparecer, escapar entre os significantes, para surpreender num outro lugar, onde justamente não era previsto.

Marcamos isto, pois o inconsciente tem estrutura de linguagem, e assim, aquilo que aparece tanto na escrita quanto na fala do sujeito como da ordem do *não-sentido*, está relacionado pela marca que o inconsciente deixa no sujeito. Segundo Freud, (1914 – 1916, p.191)

Aprendemos com a psicanálise que a essência do processo de repressão não está em pôr fim, em destruir a idéia que representa um instinto, mas em evitar que se torne consciente. Quando isso acontece, dizemos que a idéia se encontra num estado “inconsciente”, e podemos apresentar boas provas para mostrar que, inclusive quando inconsciente, ela pode produzir efeitos, incluindo até mesmo alguns que finalmente atingem a consciência. Tudo que é reprimido deve permanecer inconsciente; mas, logo de início, declaramos que o reprimido não

---

Se considerarmos a escrita do sujeito, logo ele é parte desta. Ou seja, o sujeito não desaparece com a impossibilidade da escrita, pois está ali, onde é impossível de se escrever. Este desaparecimento é marcado por sua volta, onde o sujeito permanece e aparece em sua escrita.

abrange tudo que é inconsciente. O alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido é apenas uma parte do inconsciente.

Dessa forma, o inconsciente sendo estruturado como uma linguagem nos dá espaço para pensar que aquilo que aparece como algo indescritível, ou seja, o *estranho* dentro de uma relação do sujeito com a estrutura da língua vai além das características que o erro possui em sua essência sintática, pois, considerando este estranho como um vestígio do mecanismo da linguagem, podemos *ler* o erro como algo reprimido, ou seja, parte do inconsciente?

Acreditamos que esta pergunta é importante para o texto que segue, pois a pertinência dos processos metafóricos e metonímicos como mecanismos que irão possibilitar o surgimento do *erro* na relação do sujeito com a língua, e também, da relação do sujeito com o outro, nos leva a considerar tais processos como indicadores de que o que surge como inesperado ou mesmo *indescritível* na aquisição da escrita, antes mesmo de ser considerado um erro que foge aos padrões, é, acima de tudo, uma marca do sujeito.

### 3.2. A seleção

Sobre a seleção, Jakobson (1975, p.40) destaca que:

Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro. De fato, seleção e substituição são as duas faces da mesma operação.

Sendo assim, a importância destes estudos de Jakobson nos mostra que é preciso entender como desencadeia e se agrupam os elementos da língua. Ainda em Jakobson (1975, p. 41), mais para explicitar como a teoria do valor é relevante para o entendimento do nosso trabalho, ele ressalta que

Uma dada unidade significativa pode ser substituída por outros signos mais explícitos do mesmo código, por via de que seu significado geral se revela, ao passo que seu sentido contextual é determinado por sua conexão com outros signos no interior da mesma seqüência.

O que queremos destacar é que os signos e sua relação com outros signos são marcados pelos processos metafóricos e metonímicos. Para ressaltar tal afirmação, trazemos Silveira (2007, p.60) que relata que:

As propriedades na língua estão súbditas às relações e estas se dão com outros termos do sistema. O valor na língua não depende de uma exterioridade que não seja a própria língua, e a significação depende da relação que confere à negatividade o

papel regulador de qualquer positividade na língua.

Isto já nos esclarece que o erro, independente de sua forma, faz parte da cadeia; estabelece um valor com os outros elementos, porém, o que ele traz consigo é o não - sentido. Algo perdido que retornou? Algo que se esquece, mas que aparece em traços? São perguntas relevantes que tentaremos responder destacando mais características acerca do erro.

#### 4. UM *ERRO* ESTRANHO NO NINHO

Durante os estudos das teorias fomos assinalando como o conceito de erro era abordado nos textos lidos, Assim, quanto ao aspecto do erro, segundo De Lemos (1992, p. 132):

Na aquisição inicial da linguagem, o enunciado da criança é lido e ressignificado pelo enunciado do adulto, já que seus significados são formas isoladas; independentes, cuja significação não vem dada por sua posição em uma estrutura oracional ou textual.

Segundo Castro & Figueira (2006) os erros são vistos como indícios de constituição de um *mecanismo gramatical*, o que para as autoras revela um momento único da relação da criança com a língua. E mais (CASTRO

& FIGUEIRA, 2006, p. 93), uma relação entre a língua e o sujeito falante.

Um dos aspectos da relação da fala da criança com a fala do adulto é o fato da primeira incorporar constantemente argumentos que circulam na segunda. Partes ou blocos inteiros de argumentos do adulto surgem na fala da criança. Estes enunciados, em que se reconhece a fala do outro, dão muitas vezes a impressão de que a criança sabe sobre o que está falando. Mais do que isso, as incorporações promovem efeito de sentido e referencialidade, garantindo a unidade.

Vale abordar que a língua, segundo Lacan, é constituída pela incidência do Outro, ou seja, onde o sujeito se coloca em seu questionamento; onde há a incidência dos significantes. Conforme Borges (2006, p.147) “é dos discursos orais e escritos do Outro que vêm os significantes com os quais a criança terá de utilizar na composição de seu texto escrito”. Já o outro, conforme De Lemos, é considerado o outro parceiro, ou seja, o *funcionamento lingüístico – discursivo*.

Dessa forma, a língua é marcada pela presença do Outro e pelas marcas deixadas pelo outro. A criança, ou mesmo o sujeito, só estabelece relações com a ordem própria da língua, uma vez que esta já estiver imersa/capturada pelo movimento da língua, portanto, pela



alteridade. Segundo Lacan (1966, p.498)

Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio (...) a referência à experiência da comunidade e da substância desse discurso não resolve nada. Pois essa experiência adquire sua dimensão essencial na tradição instaurada por esse discurso. Essa tradição, muito antes que nela se inscreva o drama histórico, funda as estruturas elementares da cultura. E essas mesmas estruturas revelam uma ordenação das trocas que, embora inconsciente, é inconcebível fora das permutações autorizadas pela linguagem.

O que vemos aqui é mais um forte argumento para relacionarmos a língua como uma herança cultural, conforme Saussure havia proposto em seu Curso de Lingüística Geral. Mas o nosso intuito é mostrar que há uma estrutura linguística e uma incidência do outro<sup>16</sup> na captura de um sujeito que está em constituição no processo de aquisição da linguagem.

O que queremos expor é que esta afirmação nos dá uma importante indicação sobre a relação entre a criança e o adulto, presente na primeira posição, já que tais ocorrências, “se distanciam pelas contradições, pelos erros, deslocamentos ou arranjos insólitos”.

---

<sup>16</sup> Aqui consideramos o outro como o funcionamento lingüístico - discursivo.

(Castro & Figueira, 2006, p.93). Isso tudo porque, segundo Figueira (1996, p.55),

O erro em linguagem tem sido visto como aquilo que, na produção lingüística, destoa ou é diferente de uma outra realização tomada como modelo ou padrão. Pode-se invocar como erro o modo de falar de um grupo ou segmento social, comparado ao de outro, este geralmente de maior prestígio social, econômico e cultural. Pode-se invocar como erro o modo de falar da criança em fase de aquisição de uma língua, comparado ao modo de falar do adulto.

Sendo assim, podemos afirmar que o erro também parte de uma relação da criança com o outro, pois como indício de linguagem, ele está presente tanto na singularidade e na alteridade do sujeito. Segundo De Lemos (1992, p. 128)

Esta interpretação consiste em submeter os significantes da criança aos processos metafóricos e metonímicos, cujo efeito reverte em uma ressignificação através de relações com outros significantes.

A observação de De Lemos é pertinente para a compreensão do mecanismo de linguagem, pois acreditamos, conforme Lacan (1966, p. 508-509), que “a função do significante que assim se desenha na linguagem tem um nome: metonímia”. Deparamos aqui, com a função do deslocamento do significante dentro da linguagem. E mais, segundo o próprio Lacan: “uma

palavra por outra, eis a fórmula da metáfora”. (1966, p. 510).

O que queremos observar é que o erro, como um vestígio do mecanismo da linguagem, é fruto desses processos metafóricos e metonímicos presentes na constituição do sujeito no seu momento de interação com a linguagem do outro e com a relação singular que ele estabelece com a língua, ou seja, com a incidência dos significantes. Logo temos a presença do Outro.

Foi pertinente observarmos isto, pois levantamos alguns aspectos da noção de erro ao longo dos estudos sobre a aquisição da linguagem e demais áreas que comportam esse assunto. Segundo Rosa Attie Figueira (1996, p.55-56) “erro na linguagem pode ser encarado como um dos fatores de classificar o falar da criança em fase de aquisição da linguagem comparado ao modo de falar do adulto”. Porém, a autora logo percebe e classifica o erro como uma “ocorrência divergente que ocorre em um determinado momento na fala da criança que aprende a sua língua materna”.

Segundo De Lemos (apud Figueira, 1996, p. 58), ao expor um pequeno aspecto sobre aquilo que é divergente na linguagem, ela observa que

Antes de ser desviante, tal uso é evidência de um processo de organização de procedimentos justapostos, ou de uma coordenação entre esquemas, que levará a criança a operar com subsistemas ou entidades mais abstratas.

Dessa forma, temos que o *erro*, como um vestígio da relação da criança com a língua, está presente em um mecanismo que vai mostrando a possibilidade das mudanças e *interações* que a criança estabelece com os elementos lingüísticos dentro do sistema da língua.

## **5. O ERRO SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE:**

Antes de encerrarmos nossas observações à cerca do erro como um vestígio dos processos metafóricos e metonímicos dentro do movimento da linguagem, vamos levantar alguns aspectos do *erro*, considerando o sujeito do inconsciente.

É possível pensar o erro como um sintoma? Primeiramente, vamos considerar como ponto de partida para a resposta o sujeito desejante que Freud (2003, p.29) descreve, a partir do impulso desejoso, da seguinte maneira:

O impulso desejoso continua a existir no inconsciente à espreita de oportunidade para se revelar, concebe a formação de um substituto do reprimido, disfarçado e

irreconhecível, para lançar à consciência, substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão. Essa substituição da idéia reprimida – o sintoma – é protegida contra as forças defensivas do ego e em lugar do breve conflito, começa então um sofrimento interminável.

Vimos que ao considerarmos o erro como um signo, que por sua vez, está presente em uma relação com outros signos, embora neste caso, se tenha o *não-sentido*, ele poderia ser entendido como algo que aparece desviante na linguagem do sujeito; como algo que causa estranhamento, porém, revela o funcionamento da linguagem e é, para nós, a incidência do inconsciente, pois se considerarmos o erro como algo que supre uma falta, logo ele é produto de algo que aparece como substituído/deslocado no mecanismo mesmo da linguagem do sujeito desejante.

Um estudo feito por Freud sobre Leonardo da Vinci mostrou que o sujeito, dentro dessa estrutura metafórica e metonímica, é marcado pelo deslocando dos significantes por outros. No caso de Leonardo, Freud observa que

A transformação da força psíquica instintiva em várias formas de atividade, da mesma maneira que a transformação das forças físicas, não poderia ser realizada sem prejuízo. O exemplo de Leonardo mostra-nos

quantas outras coisas precisam ser consideradas com relação a esses processos. O adiamento do amor até o seu pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em uma substituição.

Fica claro que há algo que é substituído ou deslocado na relação do sujeito com outra instância, que no nosso caso, é a língua. Dessa forma, levantamos mais uma questão: O que é deslocado e substituído, quando é marca do *não –sentido*, pode ser encarado como algo que surge para omitir uma falta? Pois bem, pensemos no bloco mágico.

Em relação aos traços mnemônicos e seu uso, Freud observou e escreveu sobre este objeto e pôde perceber que quando a celulose desprende-se da tábua, o que se vê são *restos/traços* de escritas que sumiram de um lugar, mas permaneceram em outro. Nas palavras de Freud (1973, p.2809)

Se levantarmos toda a cobertura – celulóide e papel encerado – separando-as da lâmina de cera, desaparece definitivamente a escrita. Mas não é difícil comprovar a sua inscrição permanente conservada sobre a lâmina de cera

E mais, segundo a reflexão de Borges, (2005, p.162), pode-se destacar que:

Para Lacan, que assimila a noção de traço mnêmico à de significante – a

metáfora do bloco mágico fala do movimento entre cadeias significantes. Enquanto uma comparece manifestadamente, outra, que lhe é paralela, só comparece intersticialmente, sintomaticamente, embora permaneça inscrita na cera.

Sendo assim, o erro como uma tentativa de omitir uma falta, apenas apareceria com aquilo que não se apaga, mas que jamais voltará a ser como antes. Temos aí, um novo elemento: um saber sobre o real da língua. Borges (2005, p.158) destaca que

O funcionamento do inconsciente da língua não está submetido às leis do acaso. Essa sistematicidade singular que nelas se inscreve, responsável pelo estranhamento que causam, ou pela ambigüidade que apresentam, já é efeito do “real da língua”, que excede o nível gráfico e fonológico da linguagem.

A instância do erro ainda é causa de inquietação e pesquisa para nós, mas que aos poucos mostra os seus traços. Podemos considerar aquilo que surge como indescritível, uma vez que consideramos o sujeito desejante como algo que pulsa, ou seja, que marca a sua condição e que acompanha uma falta?

Segundo Freud (1915 p. 149)

O objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. Em rigor, não é preciso ser

um outro objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos, e a esse movimento de deslocamento da pulsão caberão os mais significativos papéis.

Parece-nos que a pulsão também é fruto de um mecanismo, mas que antes disso, ela é o que impulsiona o próprio mecanismo de linguagem. Pois se a linguagem é inconsciente e pulsão, e os processos metafóricos e metonímicos dão o movimento à linguagem, podemos pensar que o sujeito é um corpo pulsional, ou seja, um lugar onde o erro apareça como indício de que o sujeito também é consequência do *não-sentido*.

Sendo assim, o erro na linguagem dá a possibilidade de tocar parte desse mistério que ele traz consigo, e mais, mostrar que somos sujeitos movidos pelos mecanismos da língua, ou seja, os processos metafóricos e metonímicos.

A ânsia em responder aquilo que desvia na linguagem, embora se espere que não seja algo que substitua ou desloque o indescritível, mas que assumo um sujeito em movimento na estrutura da língua, nos remeteu àquilo que o erro, quando surge, causa nas pessoas, isto é, o estranhamento. Porém, enfatizamos que o *estranho* da linguagem deixa suas marcas e faz

surgir e constituir um sujeito que vive, constantemente, sob efeito de linguagem.

## 6. REFERÊNCIAS

### BILIOGRÁFICAS

BAKKER FARIA, Núbia Rabelo. A área de aquisição de linguagem sob os efeitos do reconhecimento da ordem própria da língua. In: SPINILLO, Alina Galvão; CARVALHO, Glória; AVELAR, Telma. (Orgs). **Aquisição da linguagem: teoria e pesquisa**. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 2002, p. 13- 43.

BORGES, Sônia. **O Quebra-Cabeça: A alfabetização depois de Lacan**. Goiânia: Ed. da UCG, 2006.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Sobre o Projeto de Aquisição de Linguagem e a obra de sua fundadora: uma homenagem a Cláudia Lemos. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. v. 1, n.47, Campinas – SP, 2005, p. 11-15.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de., FIGUEIRA, Rosa Attié. Aquisição de Linguagem. In: PFEIFERR, Cláudia Castellanos., NUNES, José Horta (Orgs). **Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento**. Pontes Editores: Campinas – SP, 2006, p. 75 – 97.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. In: **Substratum**, v.1, n.1, p. 121-135, 1992.

\_\_\_\_\_. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade dos seus efeitos [2000] In: LIER-DE VITTO, M.F. & ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. EDUC, FAPESP; São Paulo; 2006(a).

\_\_\_\_\_. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na Aquisição

da Linguagem [1998] In: LIER-DE VITTO, M.F. & ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. EDUC, FAPESP; São Paulo; 2006(b).

FIGUEIRA. R. A. (1996). O erro como dado de eleição nos estudos da aquisição da linguagem. In: CASTRO, M. F. P.(org.). **O método e o dado nos estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, O Moisés de Michelangelo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **A história do movimento psicanalítico; artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre Psicologia do Inconsciente**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago.

JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 34-62.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LEITE, Nina Virgínia de Araújo. A Lingüística e outros saberes. In: ALBANO, Eleonora [et al.], (orgs). **Saudades da língua: a lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2003, p. 505-513.

LEMOS, M.T.G. de. O sujeito imprevisto em LIER-DE VITTO, M.F. & ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. EDUC, FAPESP; São Paulo; 2006.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral.** [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5a. Ed. São Paulo: Cultrix,1973.

SILVEIRA, E.M. Um certo retorno à Lingüística pela via da Psicanálise. In: LIER-DE VITTO, M.F. & ARANTES, L. **Aquisição, patologias e clínica de linguagem.** EDUC, FAPESP; São Paulo; 2006.

\_\_\_\_\_. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística.** Campinas – SP: Mercado de Letras, 2007.